UNIVESIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

MAB CAROLINE SILVA SANTOS

PASSADO E PRESENTE: O SAMBA JUNINO NO ENGENHO VELHO DE BROTAS

Salvador,

2014.1

MAB CAROLINE SILVA SANTOS

PASSADO E PRESENTE: O SAMBA JUNINO NO ENGENHO VELHO DE BROTAS

Memória descritiva do documentário “Passado e Presente: O samba Junino no Engenho Velho Engenho Velho de Brotas, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino.

Salvador

2014.1

AGRADECIMENTOS

À Deus por seus propósitos;

Aos meus pais, Cleber e Marlene, por terem aceitado a missão de me guiar pelos bons caminhos desta vida;

Aos meus irmãos, Cleiver e Marlena, meus companheiros de viagem;

Aos Meus avós. Em especial minha avó Mariinha, só por existir;

Ao professor José Roberto Severino, por ter me acolhido como sua orientanda;

À Faculdade de Comunicação da UFBA por ter proporcionado uma memorável experiência acadêmica;

Ao meu namorado, Cleuber, por ser companheiro e estar comigo nos momentos mais difíceis deste rito de passagem;

À tia Marinalva, tia Eliaci, Lielson, Daiane, João Victor e a todos e todas que contribuíram para a realização deste trabalho;

À Elaine, por segurar a barra no trabalho por todo o tempo que tive que me ausentar;

À André Araújo, do CAV-CULT, pelo empréstimo dos equipamentos;

Á minhas amigas Gisele e Gabriela por estarem sempre dispostas a ajudar

Aos meus amigos por me estarem comigo sempre;

À minha comunidade do Engenho Velho de Brotas;

Aos Sambas Juninos por me inspirarem este projeto;

Aos meus parentes e a todas as pessoas que acreditam em mim, que oram por mim e que, de alguma forma, contribuem para o meu crescimento;

Muito Obrigada!

RESUMO

“Passado e Presente: O Samba Junino no Engenho Velho de Brotas” é um curta-metragem de caráter documental, que procura resgatar a manifestação cultural junina em um dos bairros populares mais antigos de Salvador, a partir de depoimentos de moradores, que fazem uma relação entre o antes e o agora da festa. O tradicional festejo acontece desde a década de 1970 e reúne grupos de samba local em uma comemoração que muda a rotina dos moradores durante o mês de Junho. Os grupos musicais percorrem as ruas do bairro, seguido por inúmeras pessoas, nos arrastões que acontecem especialmente na véspera de São João. No vídeo, os entrevistados relatam as mudanças que aconteceram nos últimos anos, as dificuldades que a festa tem para se manter de pé e a necessidade de se manter a chama do São João acessa no coração da Bahia.

Palavras-Chave: Documentário; Engenho Velho de Brotas; Samba Junino; Manifestação Cultural

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAV – Coletivo de Áudio Visual;

CULT - Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura;

FACOM – Faculdade de Comunicação;

FSDJ – Federação de Samba Duro Junino;

UFBA – Universidade Federal da Bahia.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO..... 8

2. UM ENGENHO DE CULTURA..... 11

3. ASPECTOS DO DOCUMENTÁRIO..... 15

4. ENTREVISTA.....18

4.1 Entrevistados. 19

5. CULTURA POPULAR, RESISTÊNCIA E SAMBA JUNINO..... 23

6. PROCESSO PRODUTIVO..... 28

6.1 Pré-produção..... .28

6.1.1 Pré-Roteiro..... .30

6.2 Gravações.....31

6.3 Edição e Motagem.....33

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 35

8. REFERÊNCIAS..... 37

1. APRESENTAÇÃO

Não foi o “pagode russo”, como diria o nosso saudoso Rei do Baião, Luiz Gonzaga, mas o samba junino que tomou conta das ruas dos bairros populares de Salvador nos festejos de São João e São Pedro. O forró, estilo musical que costuma embalar as festas neste período, dá lugar ao som dos repiques, pandeiro e percussão e dão o tom ao samba duro[1].

O samba junino no Engenho Velho de Brotas acontece desde os anos 70. Mais de 35 anos se passaram desde que vários grupos de amigos dos bairros da Liberdade, Cabula, Pirajá, Engenho Velho de Brotas, Federação e adjacências passaram comemorar o São João em suas comunidades entre seus amigos e familiares. E assim nasce uma das principais manifestações culturais urbanas, que vai animar as noites juninas na capital.

O samba junino tinha como finalidade a diversão e a integração da comunidade. Os cortejos seguiam de casa em casa, o que colaborava para a socialização do evento junino. Com o passar do tempo, a manifestação cultural foi tomando novos formatos. Surgia então a criação dos festivais de samba junino.

No Engenho Velho de Brotas o festejo se tornou mais forte e popular quando, em abril de 1978, os irmãos Mário e Jorge Sacramento, diretores do Grupo União – também conhecidos como irmãos Bafafé – se uniram aos amigos Doca e Ninha e resolveram criar um concurso para premiar os melhores grupos de samba junino do bairro. E o que era apenas uma brincadeira, tomou uma proporção tão grande, que passou atrair grupos de samba de vários cantos da cidade.

Atualmente, o concurso não existe mais no Engenho Velho de Brotas, mas os grupos musicais persistem na tradição que movimenta o bairro durante todo o mês de junho – e até mesmo nos meses que antecedem as festas juninas, através dos ensaios dos grupos de samba. Eles ainda disseminam a música de resistência da

[1] Segundo Joselita Sacramento, presidente da Federação de Samba Duro Junino, o samba duro é uma vertente o samba tradicional. Ele se diferencia do samba de roda do Recôncavo Baiano e do samba enredo por seu ritmo e harmonia mais acelerados e batidas fortes. O ritmo surgiu na década de 70, no bairro do Engenho Velho de Brotas, durante a trezena de Santo Antônio, que acontecia na casa da avó de Joselita.

cultura popular junina e usam o São João como palco para a apresentação dos seus trabalhos.

Foi no intuito de contar a história do samba junino no Engenho velho de Brotas, que propus realização de um documentário, a fim de fortalecer a autoestima da comunidade, que pode ser considerada um manancial com um enorme potencial artístico-cultural, mas é marcada pela violência através da influência do tráfico de drogas.

O material não é o primeiro registro acerca do tema. A TV Educadora da Bahia, TVE – Ba, já produziu uma reportagem especial sobre o samba junino em Salvador. Mas, este documentário é a primeira produção acadêmica que abarca o registro desta manifestação popular trazendo um recorte mais específico para o bairro do Engenho velho de Brotas. O documentário "Passado e Presente: O Samba Junino no Engenho Velho de Brotas" é fruto de depoimentos de moradores que, viajando no baú de suas memórias, puderam contar o que eles viveram nos tempos áureos do samba junino, além de fazerem uma comparação entre o "ontem" e "hoje", destacando as dificuldades para manter a tradição viva.

Uma das questões que motivaram a realização deste trabalho foi o fato de ser "filha do Engenho" e a vontade de mostrar a vocação artística do bairro, através de uma manifestação cultural que é tão forte no imaginário do povo nordestino, quanto São João o São Pedro e o Santo Antônio – que no Engenho Velho de Brotas são comemorados com muito samba no pé. O bairro e sua efervescência artística e cultural serão apresentados no capítulo 2 desta memória.

Outro motivador da realização deste trabalho foi o documentário, suas definições e as etapas de execução de uma obra desse gênero cinematográfico. Os aspectos relacionados ao vídeo documentário, são desenvolvidos no capítulo 3. No capítulo 4, faço uma breve reflexão sobre entrevista e apresentarei, de forma sucinta os moradores entrevistados

As bibliografias consultadas, pesquisas feitas acerca do tema, as entrevistas com os moradores e a vivência no bairro me permitiram fortalecer as noções de cultura popular e necessidade da manutenção e perpetuação desta cultura, que tem a capital baiana como seu território. Os sambas juninos são manifestações características dos

bairros populares de Salvador e geralmente acontecem nos festejos do mês de Junho. O tema é desenvolvido no capítulo 5, onde restringirei a abordagem ao bairro do Engenho Velho e Brotas.

No capítulo 6 eu apresento os aspectos relacionados à realização deste produto, desde as etapas de pré-produção até a montagem e finalização. Concluo no capítulo 7, onde farei as considerações finais. É importante ressaltar que neste projeto eu me coloquei na posição de produtora, entrevistadora, cinegrafista e diretora, só não fui responsável pela edição (no que diz respeito aos aspectos técnicos). Apesar das dificuldades em assumir tantas funções, quis experimentá-las, pois acredito que a experimentação seja um dos objetivos de se propor um projeto como este.

Esta memória é resultado da criação de um documentário. Optei por um vídeo curto, cerca de 20 minutos, onde os moradores do bairro deram aura ao samba junino no Engenho Velho de Brotas, através dos seus depoimentos acerca da manifestação. O vídeo pode ser exibido em Tvs, inscrito em festivais ou publicado em sites como *Youtube*. O formato escolhido também abre a possibilidade de se fazer uma continuação do projeto através do registro audiovisual contando a história de cada grupo de samba existente no Engenho Velho de Brotas, bem como o registro da manifestação cultural em outros bairros de Salvador. Desta forma, este documentário funciona como um projeto piloto.

2. UM ENGENHO DE CULTURA

O Engenho Velho de Brotas pode ser considerado um bairro populoso, com aproximadamente 22.000 habitantes[2]. Está localizado na Área Urbana Contínua (AUC) e fica próximo ao centro da cidade. É margeado ao Norte pelo bairro Cosme de Farias, ao Sul pelos bairros do Garcia e Federação, nas proximidades (limite Oeste), está situado o dique do Tororó e no limite Leste está o bairro de Brotas

O “Engenho”, como é carinhosamente chamando pelos moradores, originou-se da Fazenda Boa Vista, localizada na freguesia Nossa Senhora de Brotas – a região compreendia grande parte do atual bairro de Brotas e extenso terreno que abrange o Engenho Velho da Federação até o Lucaia. Era conhecida como “Roça dos Machado”. Foi lá que o Poeta Castro Alves, pouco antes de morrer, compôs os últimos versos de sua obra: “Espumas Flutuantes”, um poema que clamava pela liberdade dos escravos.

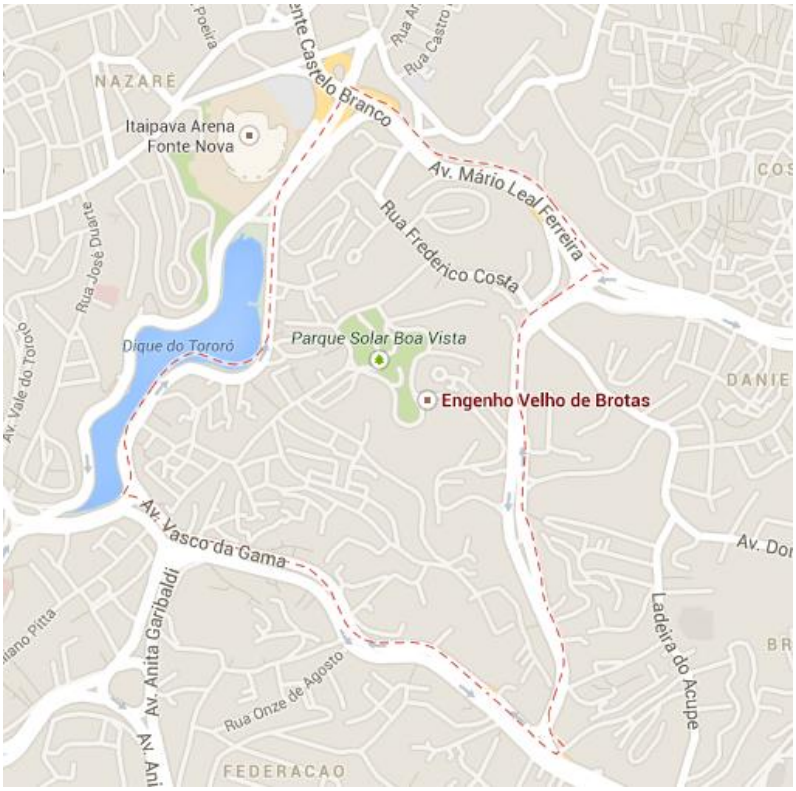


Imagem 1: Localização do Engenho Velho de Brotas[3]

[2] Censo IBGE 2010.
[3] Google Maps (Acesso: em 15/06/14)

O bairro se vale muito de suas heranças históricas. Seu nome revela um tempo onde ainda existiam senhores de engenho e escravizados. Como frutos do seu passado, o Engenho Velho é marcado pela grande presença de negro e negras, sendo berço de importantes manifestações culturais afro-brasileira de Salvador.

Vários afoxés e blocos afro da cidade foram criados no Engenho Velho, dentre eles, o mitológico Babauê, outrora cantado pelo músico Caetano Veloso: "Misteriosamente o Badauê surgiu, sua expressão cultural o povo aplaudiu"[4]. O bairro também é casa do afoxé Ókanbí e do Clube Carnavalesco Congo d'África, com seus tocadores, caboclos, bailarinas, rainhas, reis e todo o universo que remetem aos laços com a nossa matriz africana. O Engenho ainda é berço do samba duro junino, nascido em terreiros de candomblé, locais muito frequentes na região.

"As 8h30min da manhã de domingo o bairro do Engenho Velho de Brotas já amanhecia com um colorido diferente, mesmo para um dia de carnaval. Pelas ruas, negros e negras desfilavam com bolas amarelas e azuis, torços amarelos na cabeça e não raro uma música cantarolada misticamente. Eram os primeiros movimentos do afoxé mais badalado de Salvador – o Badauê – que desfilaria a partir das 14h pelas ruas centrais da cidade [...] Com mil integrantes o Badauê sairia pela primeira vez neste carnaval da Curva do Asilo. O afoxé surgiu inicialmente na Ladeira de Nana, onde as raízes africanas eram – e ainda hoje são – muito fortes [...]"
(Correio da Bahia, 4.03.1981)

Imagem 3: Publicação do Correio da Bahia, Março, de1981[5]

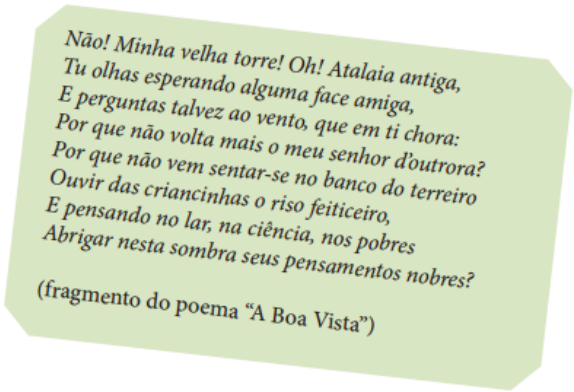
Imagem[6] 2: Ladeira de Nanã

O Engenho foi local de nascimento e trabalho do Mestre Bimba; onde surgiu o grupo musical "Os Românticos", sucesso nas décadas de 50 e 60; residência do fotógrafo e etnógrafo, Pierre Verger e do poeta Castro Alves; berço do cantor e percussionista, Márcio Vitor, de Ninha da Timabalada, da cantora Márcia Short, de

[4] Música "Badauê", de 1979, estcrita por Môa do Catendé e interpretada por Caetano Veloso.
[5] Extraído de http://ascomfunceb.files.wordpress.com/2010/10/2010-o-engenho-das-memorias-cine-teatro-solar-boa-vista.pdf (Acesso: 15/06/14)
[6] Foto tirada por Mab Caroline para conteúdo do blog "Engenhocá"

Seu Dodô do primeiro afoxé do bairro, da Mestre Griô Dona Cici, dentre outras personalidades.

Imagem[7] 3: Solar Boa Vista



Não! Minha velha torre! Oh! Atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
Por que não volta mais o meu senhor d'outrora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?

(fragmento do poema "A Boa Vista")

Imagem 4: Poema de Castro Alves[8]

O bairro abriga equipamentos culturais importantes, como o Cine Teatro Solar Boa Vista, que está registrado como Ponto de Cultura[9] e é palco de diversos shows, peças teatrais, seminários e festivais; a Fundação e o Centro Cultural Pierre Verger, que reúne um acervo com pesquisas, anotações, registros de viagens feitas pelo fotógrafo, objetos pessoais e onde também é desenvolvido um trabalho sócio-cutural, através de aulas de capoeira, dança afro, zouk, fotografia, dentre outras.

Imagem[10] 5: Mestra Griô Dona Cici

Imagem[11] 6: Fundação Pierre Verger

[7] Foto tirada por Mab Caroline para conteúdo do blog "Engenhocá"
[8] Extraído de http://ascomfunceb.files.wordpress.com/2010/10/2010-o-engenho-das-memorias-cine-teatro-solar-boa-vista.pdf (acesso: 15/06/14)
[9] Ponto de Cultura é uma das ações que fazem parte do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, MinC.
[10] Foto tirada por Mab Caroline para conteúdo do blog "Engenhocá"
[11] Foto tirada por Mab Caroline para conteúdo do blog "Engenhocá"

Para além das questões culturais, o Engenho Velho de Brotas possui sete escolas públicas, sendo duas municipais e cinco estaduais; um posto de saúde; dois supermercados de médio porte; uma Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam); uma lavanderia pública; um centro espírita; igrejas católicas e protestantes; além de abrigar o Núcleo de Apoio para Pessoa com Câncer (Naspec) e o Grêmio de Integração de Deficientes (GRID).

Imagem[12] 7: Declaração dos moradores

Autor desconhecido

[12] Foto tirada por Mab Caroline para conteúdo do blog "Engenhocá"

3. ASPECTOS DO DOCUMENTÁRIO

O projeto teve início na disciplina COM 116 (Elaboração de Projeto em Comunicação), ministrada pela Prof.ª Dr.ª Annamaria Jatobá Palácios. Na ocasião, fui orientada a buscar um referencial teórico que basilasse a construção do anteprojeto. Foi quando tive os primeiros contatos com a bibliografia que versa sobre documentário. Mas, foi a partir da orientação do Professor Orientador José Roberto Severino, que obtive um melhor entendimento acerca deste gênero audiovisual.

Sobre documentário procurei entender os conceitos e subgêneros a partir da leitura dos livros "Introdução ao Documentário, de Bill Nichols; "Mas, Afinal... O que é mesmo documentário, de Fernão Pessoa Ramos e "Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção, de Sérgio Puccini, além de outras bibliografias e artigos científicos, que, apesar de não ter citado nas definições abaixo, tiveram grande importância na minha compreensão acerca do gênero.

Tido como gênero cinematográfico, o documentário caracteriza-se por sua relação com a realidade e pelo compromisso com a exploração desta. Mas, isto não significa dizer que esta realidade será representada tal como ela é. De acordo com Eduardo Coutinho, o documentário "revela muito mais a verdade da filmagem, do que a filmagem da verdade"[13]. Então podemos considerar que, assim como no cinema de ficção, o documentário é uma representação parcial e subjetiva do real.

Contudo, Fernão Ramos (2008) destaca que as características formais do filme documentário representam um dos pontos principais que o diferencia da ficção:

> Em sua forma de estabelece asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios `narrativa documentária: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, utilização de

[13] Entrevista de Eduardo Coutinho à Consuelo Lins no livro "O Documentário de Eduardo Coutinho: Televisão, Cinema e vídeo, 2004, pag. 44.

> roteiros abertos, ênfase na intermediação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (RAMOS, 2008.p.25).

Os filmes documentários são traçados por uma linha tênue que, nas palavras de Nichols (2010), separa o real do imaginário. O próprio ato de filmar já modifica a realidade: a forma das lentes, os movimentos de câmera, a montagem, a edição até mesmo a escolha da trilha sonora, caso haja, dão um tratamento dão um tratamento que correspondem às subjetividades do autor, e modo com que ele pretende tocar o telespectador.

Bill Nichols é uma autoridade conhecida internacionalmente no campo do documentário e do filme etnográfico e tem dado grandes contribuições acerca do desenvolvimento de uma teoria do documentário. O autor admite não ter a pretensão de formar um conceito fechado para o termo documentário, classificando-o como “um conceito vago”. O autor explica que esta dificuldade de conceituação reside n’outra: a de separa-lo do ficcional.

> Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes, assim como muitos tipos diferentes de meio de transporte são considerados “veículos”. [...] existem várias definições entre um documentário e outro, embora, apesar delas, continuemos a pensar em todo conjunto de filmes documentários. Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não presentam apenas um conjunto de formas e estilos. Nem todo documentário exibe um estilo único de características comuns. (NICHOLS, 2010, p.48).

Ao longo dos anos, diferentes tipos e modos de se fazer documentários foram desenvolvidos. Nichols (2010) identifica seis tipos que funcionam como subgênero, com características próprias que se adequam ao objetivo do autor, são eles: o modo o poético, o expositivo, o observativo, o participativo, o reflexivo e o performático.

O modo poético se aproxima do cinema experimental. Ele “sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais” (NICHOLS, 2010, p.138). O cineasta se utiliza de fragmentos do mundo histórico que são rearranjados para produzir uma impressão poética do seu objeto de representação.

O modo expositivo “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” (NICHOLS, 2010, p. 142). Nele a legenda e a voz que transmitem uma lógica informativa assumem uma ordem superior à das imagens, que servem para comprovar o que é dito. Nesse sentido, o documentário expositivo se aproxima do noticiário televisivo.

O modo Observativo propõe observar as coisas conforme elas acontecem, sem a intervenção do cineasta. “Filmes sem comentário com voz over, sem música ou efeitos sonoros complementares, sem legendas, sem reconstituições históricas, sem situações repetidas para a câmera e até sem entrevistas” (NICHOLS, 2010, p. 147). O que se pretende é mostrar o mundo tal qual ele é, mostrar as situações como elas aconteceriam sem a presença da câmera.

O modo participativo é marcado pela participação do cineasta e a interação com o tema retratado. O cineasta assume o papel de entrevistador que critica, interroga, colabora ou provoca. Assim, esse modo é o “oposto da premissa observativa; […] no documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou o cineasta, está lá em nosso lugar” (NICHOLS, 2010, p. 155).

Nichols diz que no modo reflexivo nós “acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação” (NICHOLS, 2010, p. 162). Nesse tipo de filme somos levados a perceber o papel do documentário, da câmera e do cineasta no constructo do que é mostrado na tela. O filme leva o olhar para além da história que se passa frente à câmera, como é característico dos outros subgêneros.

Por último, Nichols identifica o modo performático. Esse levanta questões sobre o que é conhecimento. Ele “sublinha a complexidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas” (NICHOLS, 2010, p. 169) se distanciando do relato objetivo. O documentário performático tem como uma das principais características a combinação do real e do imaginado. O cineasta busca tornar nossa a carga afetiva que aplica ao filme.

4. ENTREVISTA NO DOCUMENTÁRIO

A entrevista foi um dos pontos importantes para a construção deste tipo de documentário, que vai tratar também da “investigação” da memória. Moradores do Engenho Velho de Brotas foram de volta ao passado a fim de resgatar recortes do que foi o samba junino para, a partir daí, fazer um balanço do que a festa se tornou. Para refletir acerca do tema exposto neste capítulo, utilizei como base capítulos dos livros “Introdução ao Documentário” e “A voz do passado: história oral”, de Paul Thompson, além de artigos e dissertações.

No campo do documentário nota-se que, sobretudo entre as décadas de 80 e 90, houve valorização da voz de quem é documentado – em detrimento da voz over (similar a voz off do telejornalismo). Essa voz geralmente é captada através de entrevista, um dos principais métodos de abordagem do documentário contemporâneo. Como revela Musse (2010 apud ABIAHY, 2013):

> [...] entrevista no pode ser utilizada para construir e resgatar uma memória coletiva, quando vários personagens falam de suas experiências ou lembranças, e também como construção da história de um personagem, através de seus relatos e reflexões sobre sua própria vida (MUSSE, 2010, p. 6-7 apud ABIAHY, 2013, p.4)

Para Nichols (2010):

> As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que estruturem. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; tomam o nome de “anamnese” na medicina e no serviço social; na psicanálise, tomam a forma de sessão terapêutica; em direito, a entrevista torna-se o processo prévio de “colher meios de prova” e, durante julgamentos, o testemunho; na televisão, forma a espinha dorsal dos programas de entrevista; no jornalismo, assume tanto a forma de entrevista como coletiva para imprensa; e na educação, aparece como diálogo socrático. Michel Foucault argumenta que todas essas formas incluem formas regulamentadas de troca, com uma distribuição desigual de poder entre cliente e profissional da instituição, com raízes na tradição religiosa da confissão. Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem (NICHOLS, 2010, p. 160).

Paul Thompson (1998) explica que há estilos diferentes de entrevista, que vão desde aquela que se faz em forma de conversa e informal, àquela com um estilo mais

formal e controlado de perguntar. Thompson usa uma citação de Roy Hay para ilustrar os méritos e a deficiência das “duas escolas de entrevistas”.

> Em primeiro lugar, existe a abordagem “objetiva/comparativa” geralmente com base num questionário ou, pelo menos, numa entrevista extremamente estruturada, em que o entrevistador mantém o controle e faz uma série de perguntas e faz uma série de perguntas comuns a todos os respondentes. Neste caso, visa-se produzir um material que transcenda o respondente individual e possa ser utilizado para fins comparativos [...] Na mão de entrevistadores flexíveis e sensíveis, preparados para deixar de lado o roteiro quando necessário, essa abordagem pode de fato gerar um material muito útil, mas pode ser fatal. Muito facilmente linhas de inquirição promissoras são interrompidas e, pior ainda, as pessoas são obrigadas a ajustar-se ao esquema predeterminado dos entrevistados e, deste modo, grandes áreas importantes jamais são estudadas.
>
> No outro extremo, está o diálogo que flui livremente entre o entrevistador e o respondente, sem nenhum padrão fixo, no qual se acompanha a conversa para onde quer que ela vá. Vez por outra, este método produz o mais inesperado e leva linhas de inquirição completamente novas, mas pode muito facilmente degenerar em algo muito próximo do mexerico sobre fatos sem importância. Pode gerar quilômetros de fita gravada inútil e problemas de seleção e transição impossível de solucionar. (HAY, -, apud THOMPSON, 1998, p. 259)

No documentário “Passado e Presente: O Samba Junino no Engenho Velho de Brotas”, as entrevistas foram feitas de modo informal, a fim de estabelecer uma maior aproximação com os entrevistados e causar um ambiente de descontração. Desta forma as informações viriam de modo mais natural e fluido. Mas, ao mesmo tempo havia um roteiro de perguntas, no qual pude conduzir a entrevista de forma que ela não ficasse totalmente “livre”. Mesmo assim não fiquei isenta de informações as quais julguei desnecessárias na hora de construir uma narrativa pra o documentário.

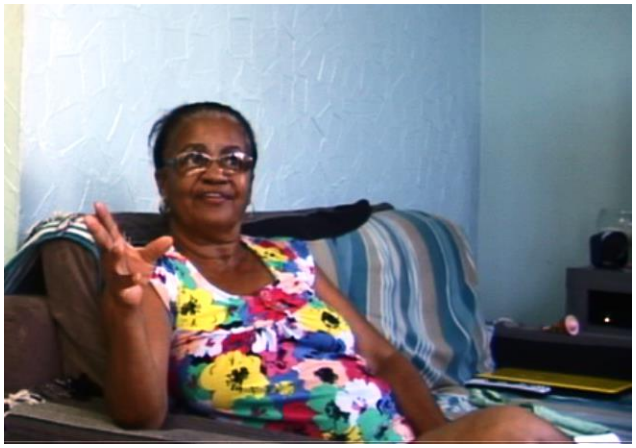
4.1 Entrevistados

O critério utilizado para a escolha das pessoas que participariam do documentário foi, primeiramente, ser residente do bairro do Engenho Velho de Brotas e, de certa forma, ter um envolvimento com a festa, seja organizando ou participando indiretamente dos festejos. Optei em registrar os depoimentos de quem acompanha os festejos há mais tempo para que estes dessem a dimensão do “ontem” e “hoje” do

samba junino no bairro. Em seguida alguns frames do documentário e um breve perfil sobre cada entrevistado.

Joselita Sacramento (58 anos), pedagoga: Atualmente está como presidente da Federação de Samba Junino Do Estado da Bahia. Joselita conta a história do samba junino. Segundo ela, viu o nascer e crescer dentro do terreiro de sua avó. De tão grande, o samba teve que sair e ela até hoje acompanha todos os seus passos.

Josemário Sacramento (59 anos), servidor público: Conhecido pela comunidade como Mário Bafafé, ele é um dos fundadores do Grupo União e da Federação de Samba Junino do Estado da Bahia. Mario também foi um dos idealizadores do concurso de samba e é um fomentador da cultura junina no Engenho Velho de Brotas. Vale ressaltar que o Grupo União, criado por ele e um grupo de amigos, ajudou a sustentar muitos grupos de samba junino no bairro.



Marinalva Barreto (63 anos), pedagoga: Acompanha os festejos juninos desde o seu início. Viu o samba Jaké nascer e considera importante a manutenção da cultura no bairro. Segundo ela, apesar do incomodo – muito barulho e pessoas "indesejáveis" na festa, principalmente na Rua 25 de Dezembro, local onde reside) – a festa deve ser fortalecida, pois também é um legado cultural para os mais jovens.

Eliaci Melo (58 anos), pedagoga: Ela se considera apaixonada pelo samba Jaké. Viu o grupo nascer em na porta de sua casa. Eliaci faz parte do grupo de amigos que deram vida ao Jaké que, segundo ela, recebeu este nome por causa de um amigo de apelido homônimo ao do samba, que era um excelente percussionista.

Elder Santos, 50 anos: Ele está envolvido com o samba duro desde os 12 anos de idade e era um dos integrantes da extinta Banda Mocó que depois de um "racha", virou o Samba Coisa Doce. O samba anima as noites juninas da Ladeira do Cinema. Como outros tantos diretores de grupos de samba junino, Elder muitas vezes tira de recursos próprios a verba para fazer os ensaios em sua rua acontecer.

Grupo Recreativo Jaké: O grupo nasceu na Rua 25 de Dezembro e desde então são mais de 30 anos alegrando as noites juninas no bairro do Engenho Velho de Brotas. O sambão Jaké, ou simplesmente Jaké, atualmente tem aproximadamente 15 participantes e se orgulha de ser "um campeão de títulos" de concursos de samba junino.

Samba Leva Eu: O grupo foi um dos primeiros a participar do concurso de samba junino no Engenho Velho de Brotas. Com mais de 35 anos de história, o Leva Eu também é um dos que resistem mantendo a história do samba junino vida dentro do Bairro. "Rival" do grupo Jaké – mas, só na disputa dos concursos, porque os integrantes de ambos os grupos são amigos –, o samba também coleciona títulos, sendo por cinco vezes campeão de concursos de samba junino.

5. CULTURA POPULAR, RESISTÊNCIA E SAMBA JUNINO

A compreensão do tema do vídeo documentário se deu, principalmente, a partir de leituras de artigos e dissertações que abordam o assunto. As pesquisas que tratavam de temas como cultura popular e resistência também me serviram como suporte para obter uma maior compreensão a respeito do samba. As entrevistas com os moradores também me ajudaram ter uma noção do que é o samba junino e qual a sua origem. Esta questão será tratada no decorrer deste capítulo. Vale ressaltar que tive dificuldades com a bibliografia relacionada ao tema "samba".

A cultura popular pode ser relacionada ao conhecimento espontâneo que diz respeito à interação entre pessoas de uma mesma sociedade, não estando ligada ao conhecimento científico. Pode ter várias origens, tendo em vista que uma comunidade pode ser composta de pessoas de vários territórios, que compartilham[14] a cultura de sua nação formando uma nova; a exemplo da cultura popular brasileira.

De acordo com Denys Cuche (1996), é difícil definir cultura popular, levando em consideração a polissemia dos termos que a compõe: "cultura" e "popular". Ele a analisa como uma "cultura dominada", que é capaz de se construir e reconstruir numa estrutura de dominação. Em contrapartida, ainda que dominada, se configura como uma "cultura inteira", com base em valores originais que dão sentido à sua existência. Constrói-se através das relações entre os grupos sociais e na relação, em sua maioria de forma conflituosa, com outras culturas.

> Nesta perspectiva, uma cultura dominada, não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode considerar a cultura dominante (a reciproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala a cultura dominante. (CUCHE, 1996, p. 145)

Para Cuche (1999, apud FRESSATO, -, p. 2), ainda que não suficientes para defini-las, as culturas populares possuem como características fundamentais a resistência à dominação, manipulando de forma irônica as imposições culturais. Neste sentido, por assim dizer, o autor corrobora com a ideia de Stuart Hall, que descreve a

[14] Em sua maioria não é um ato pacífico.

cultura popular “como um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é um prêmio a ser conquistado ou perdido nesta luta. É a arena do consentimento da resistência”[15].

Martin-Barbero (2003 apud FRESSATO, -) reflete a cultura popular destacando a atuação dos anarquistas, que ao produzirem cópias de romances de folhetim e de caricaturas e lerem periódicos coletivamente, forjavam uma relação entre cultura e povo. Agindo desta maneira eles perceberam a cultura não só como espaço de manipulação mas, também de conflito.

> Se algo nos ensinou é a prestar atenção à trama: que nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência e nem tudo que vem ‘de cima’ são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá, respondem a outras lógicas que não a da dominação. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 119 *apud* FRESSATO, -, p.3)

A partir do exposto anteriormente, é possível notar a capacidade que a cultura popular tem de se inventar e reinventar. No Brasil, a cultura popular se caracteriza por diferentes categorias culturais, causadas pelo regionalismo. Devido a estas circunstancias, é possível encontrar na cultura popular brasileira uma grande variação artística e gastronômica. A capoeira, o samba, a literatura de cordel, a música sertaneja, dentre outros, são elementos da cultura popular do nosso país.

O samba é uma mistura de elementos culturais, musicais e religiosos de origem africana e brasileira, a priori simbolizado pela dança, para mais tarde se transformar em composição musical. O ritmo, antes denominado “semba”[16], foi também chamado de umbigada, batuque, dança de roda, lundu, chula, maxixe e outras tantas nomenclaturas de cunho popular. Na sua forma mais tradicional, o samba é tocado por instrumentos de percussão, tambores, surdos, pandeiro e timbau, acompanhados por violão e cavaquinho.

> […] procedente do termo quibundu semba que significa umbigada, empregada para designar danças de roda. Sua coreografia é semelhante ao batuque […] popular em todo o Brasil, geralmente com dançarinos, solistas, aparecendo quase sempre a umbigada. (MARCONDES, 1998 apud DÖRING, 2002, apud AMORIN, 2011).

---

[15] Cf. Hall, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais, 2003, p.263.

[16] O termo "semba" - também conhecido por umbigada ou batuque - designava um tipo de dança de roda praticada em Luanda (Angola) e em várias regiões do Brasil, principalmente na Bahia.

Pode-se dizer que "o samba é o gênero da música popular brasileira que mais se destaca, tanto nacional quanto internacionalmente"[17]. De acordo com o Dossiê do Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2006), "a primeira menção registrada no Brasil da palavra samba data de1838, e está em um jornal satírico então editado em Pernambuco, estado com o qual a Bahia faz fronteira a noroeste". No entanto, como é explicado no Dossiê, a menção é despretensiosa, sem nenhuma descrição ou relação específica aos afrodescendentes.

Na Bahia, o primeiro registro conhecido da palavra samba, encontrado pelo historiador João José Reis, data de 1844, em Salvador. O termo está em um relato feito em janeiro daquele ano pelo carcereiro da prisão municipal, Joaquim José dos Santos Vieira, ao Chefe de Polícia:

> "Ontem quase 9 horas da noite, depois das prisões fechadas, ouvi um alarme, que não podia perceber se era samba de africanos, ou de nacionais [...] vim à guarda informar- me aonde era aquele estrondo, quando vi que era na 4a prisão desta cadeia [...] imediatamente disse ao sargento mandasse a sentinela conter a ordem naquela prisão: cessou o samba [...]" (REIS, 2002, p.130 apud DOSSIÊ, 2003, p. 30).

Era com o samba que as comunidades negras comemoravam os festejos juninos. De acordo com o historiador Jaime Sodré, a festa chegou aos bairros populares de Salvador há 40 anos: Engenho Velho de Brotas, Engenho Velho da Federação, Pirajá e Cajazeiras são alguns dos locais que preservam esta tradição. O samba duro vai adaptar as músicas do São João à realidade que estas comunidades negras já enfrentavam.

Em entrevista para o documentário, Joselita Sacramento[18], explica a origem do samba (duro) junino. De acordo com ela, o ritmo nasceu no bairro do Engenho Velho de Brotas, no terreiro de sua avó:

"O samba junino é uma mistura de samba de roda com samba de caboclo, oriundo dos terreiros de candomblé; especificamente do Terreiro de Jagum, que era o terreiro da minha avó. E porque que ela fazia esta festa? Ela era viúva e ela foi determinada a rezar o Santo Antônio para parar de chorar. [...] e quando terminava a reza, a gente descia, ia pro terreiro dançar [...] no último dia ela preparava uma panela bem grande de feijão a lenha e a gente ficava ali... com licor, muita comida [...] a tradicional fogueira... mas, essa festa começou a tomar uma proporção muito grande que teve um ano que ela disse que nunca mais faria a festa aqui dentro [...]. Foi aí que surgiu a ideia de transportar a festa lá pra fora. E aí, fazia

[17] Dossiê IPHAN – Samba de Roda do Recôncavo Baiano

[18] Presidente da Federação de Samba Duro Junino do Estado da Bahia. Joselita é moradora do Engenho Velho de Brotas e umas das diretoras do Grupo União, o qual ajuda a promover as festas juninas no bairro.

como? Samba! Samba o que? Samba Duro Junino, que é uma mistura de samba de caboclo[19] com samba de roda" (Joselita Sacramento, 58 anos).

Apesar de sua relação com o samba de roda, o *samba duro junino*[20] tem uma batida muito peculiar, um ritmo mais acelerado, como explica a etnóloga Ângela Luming: "[...] ele tem semelhança com o samba de roda e ao mesmo tempo tem uma batida muito própria, típico de samba urbano, que posteriormente deu origem ao pagode atual[21]".

O samba duro junino se tornou algo típico no bairro do Engenho Velho de Brotas e uma manifestação cultural característica da cidade de Salvador, por ser um samba que se desloca. Não é um samba estático. Ele é apresentado em sua comunidade, depois vai seguindo para outras. No início, estes grupos eram pessoas do próprio bairro, que iam de casa em casa comemorando do São João. O elemento de conexão entre as pessoas era o samba. Também existia a tradição de os moradores "trocarem" comidas típicas com os seus vizinhos – sempre aparecia alguém com um pratinho de canjica, um pedaço de bolo...

Com o passar dos anos, a festa no bairro foi tomando novos formatos. Deixou de ser simplesmente uma socialização entre amigos, sem nenhuma pretensão, para se tornar uma competição. E "como uma brincadeira", surgiu o Concurso de Samba Junino, promovido pelo Grupo União. Josemário Sacramento conta como a história dos concursos aconteceu:

"[...] nós fizemos um palanque pequeno. Tínhamos um som. Fizemos as bandeiras. Fizemos a carta convite e fomos aos ensaios e convidamos os grupos para vir aqui no dia 23. [...] aí os grupos vieram e se apresentaram [...] pedimos pra eles voltarem no dia 28. Aí nesse intervalo de São João pra São Pedro surgiu a ideia de ir ao Comércio e comprar três troféus pequenos para ofertar para estes grupos [...]. Para saber a colocação dos grupos fomos nas casas dos vizinhos e perguntamos qual samba que eles gostaram mais [...]. Ficou o Samba Pé em primeiro, o Samba Crioulo em Segundo e o Leva Eu em terceiro. A gente ainda não sabia o que estava fazendo... Aí os caras vieram, fizeram a apresentação e passamos os troféus para eles... Foi a maior festa... Eu ainda me lembro como se fosse hoje... O pessoal do Leva Eu falou assim: '- Ah, já que é assim, Samba Pé me aguarde, que para o ano eu vou mostrar o que é Leva Eu' [...]". (Josemário Sacramento, 59 anos).

---

[19] Samba oriundo dos terreiros de candomblé, onde os atabaques são o instrumento principal. É sum samba feito para dançar.

[20] Termo criado por Jorge Sacramento, também conhecido como Jorjão Babafé, para diferencia o ritmo dos outros sambas. Jorge também é um dos Fundadores da Federação de Samba Duro Junino do Estado da Bahia, juntamente com o seu irmão, Josemário Sacramento.

[21] Angela Luning se refere ao pagode baiano.

A partir daí outros grupos de samba surgiram no bairro do Engenho Velho de Brotas, a exemplo do Samba Jaké; Banda Mocó, que depois se transformou no Samba Coisa Doce; Samba Mata o Velho; Samba Morcegão, dentre outros. Os grupos ensaiavam uma vez na semana em suas ruas de origem durante os meses de maio e junho, para se apresentarem na véspera e no dia de São João.

O concurso de samba se oficializou e começou a crescer, atraindo sambas de outros bairros, como Liberdade, Cajazeiras, Engenho Velho da Federação, Tororó e Pirajá. De acordo com Mário, a festa, que virava a noite do dia 23 para o a manhã do dia 24 de junho, lotava a ruas do bairro.

No concurso, os critérios para eleger o melhor samba junino eram apresentação, animação, ritmo e evolução. Cinco jurados avaliavam os grupos e colocavam o resultado numa urna que só era aberta no dia 28. Neste dia era revelado o resultado.

Atualmente os concursos de samba não existem mais e os sambas juninos estão lutando para manter a tradição viva. Segundo os entrevistados, vários fatores colaboram para o enfraquecimento da festa, o principal deles é a falta de investimento público. Outros fatores como a falta de interesse da comunidade – no sentido de os comerciantes do bairro não investirem na festa – e a participação de “agentes do poder paralelo” (este revelado em off) também foram citados.

6. PROCESSO PRODUTIVO

6.1 Pré-produção

O desejo em trabalhar algo relacionado ao Engenho Velho de Brotas vem desde o meu primeiro semestre como estudante de Jornalismo da FACOM – UFBA Ao logo do curso, todas as vezes que tinha oportunidade de divulgar a riqueza cultural do meu bairro de origem, o fazia. Contudo, mesmo certa de que trabalharia algo que dissesse respeito à cultura do bairro, ainda estava em dúvida quanto ao tema – fiquei perdida com a infinidade de temas que podia abordar – e o formato a ser trabalhado.

Foi na disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, em 2012.1, ministrada pela professora Annamaria Palácios que decidi quanto o formato e o tema do projeto: um documentário sobre samba junino. Neste período, fui orientada a pesquisar sobre documentário e samba. Li uma série de artigos que lançavam vários olhares e levantavam diversas discussões acerca do gênero cinematográfico, busquei artigos e dissertações que desenvolvesse o tema samba e conversei com várias pessoas da minha família a respeito da festa e quem seriam as melhores pessoas para entrevistar. A partir do montante de fontes, desenvolvi o anteprojeto que propunha um documentário jornalístico, ao que parecia, o projeto estava bem resolvido quanto ao tema, as pessoas entrevistadas e a linha que iria seguir.

Contudo, em 2012.2 e parte de 2013.1, meu projeto ficou estagnado. Tive contratempos com a pessoa que havia escolhido para ser meu orientador. Conversamos e decidimos que seria melhor que outro docente cumprisse este papel. Em meados de 2013.1, procurei o professor José Roberto Severino, que se dispôs de imediato. Como o projeto estava bem definido, pouco foi modificado da ideia original. Severino me indicou outras leituras, inclusive bibliografias que versavam entrevista, tema que, até então, eu não tinha levado em consideração, mas que seria um dos pontos fortes do trabalho.

Tudo estava caminhado para a minha formatura em 2013.2. Mas ainda em 2013.1, a reprovação em uma disciplina fez com que eu adiasse por mais um semestre a execução do projeto, pois a Facom não permite que o estudante pegue outra

disciplina ao mesmo tempo que desenvolve o TCC. Resolvi me dedicar exclusivamente à disciplina que estava repetindo, deixando um pouco de lado o projeto do documentário.

Finalmente, em 2014.1, pude retornar ao projeto. Apesar de considerar o andamento do mesmo um pouco adiantado, pois de certa forma já havia feito a pesquisa de campo e conversado com alguns moradores a respeito do tema que iria abordar, tive dificuldades em administrar o meu tempo, por conta do trabalho que, por motivos financeiros, não pude abandonar. Tive uma conversa com a equipe do trabalho, expliquei a situação e pedi para ser liberada nos finais de semana, já que a maioria dos ensaios acontecem neste período. Fui atendida.

A partir daí, Severino me orientou a elaborar um cronograma detalhado das atividades relacionadas ao projeto que iria desenvolver até o final do semestre, incluindo um pré-roteiro. Feito isso, busquei os equipamentos na faculdade. Já estamos no início de maio. Para o meu azar, os servidores técnicos estavam em greve. Por duas vezes durante a semana do dia 4 de maio estive na FACOM para pegar os equipamentos, mas laboratório estava fechado. Nos dois momentos em que estive na faculdade procurei a coordenadora do Lab. TV, Simone Bortolieiro, que não se encontrava no local. Vale ressaltar que a primeira entrevista estava marcada para um sábado, dia 10.

Na semana seguinte, consegui me encontrar Simone, que autorizou a liberação dos equipamentos, sob o aviso de que os cabeçotes das câmeras estariam sujos. Mais um empecilho. Mesmo assim, por desencargo de consciência, levei a câmera e o microfone. No dia que fui pegar o material, os tripés do Laboratório estavam todos emprestados. Vale ressaltar que neste momento estava cumprindo todas as atividades sozinha. Optei por eu mesma exercer as funções inerentes a produção de um documentário, por achar interessante “passear” por todas estas possibilidades o projeto me permitia desenvolver, além da questão financeira, pois já estava certa de que iria pagar a edição.

Recorri novamente ao professor Severino, expliquei a situação e sinalizei a minha preocupação, pois não tinha nenhum equipamento que capturasse imagens e som de qualidade. Ele me orientou que buscasse o Lab. Foto e o Coletivo de Audiovisual do CULT. Assim o Fiz, não tive sucesso com o Lab. Foto e continuava

insistindo com o CULT, neste meio tempo também busquei outros meios, como pedi emprestado a amigos. Nada... Finalmente consegui uma outra câmera com o Cult. Esta também estava sem tripé, mas pelo menos tinha a garantia de que não iria ter problemas na hora das gravações, no que diz respeito à captação de imagem. Também consegui emprestado com uma amiga uma Canon semiprofissional, que utilizaria para captar a entrevista em outros ângulos. Nessa história perdi mais um final de semana de gravação.

6.1.1 Pré-Roteiro

O plano inicial, inclusive aprovado pelo professor Severino – mesmo que me alertando das dificuldades em fazer o trabalho sozinha –, era o de gravar com um grupo de pessoas onde estariam presentes os membros dos três sambas juninos mais importantes do bairro, Samba Jaké, Samba Leva Eu e Samba Coisa Doce; além de outros personagens que participavam/participam direta ou indiretamente da festa.

Reunido este grupo, faria uma entrevista coletiva, que teria um tom de conversa informal. O objetivo desse dessa proposta era estimular os entrevistados a interagir uns com os outros, no intuito de que o registro da memória de cada um deles a respeito da festa ficasse mais interativo e dinâmico. Já que haveria provocações, histórias em comum, etc. Acreditava nas histórias contadas, personagens de alguma situação iriam surgir. Neste caso, essas outras pessoas seriam entrevistadas individualmente para contar sua versão sobre o fato.

Contudo, devido às dificuldades em reunir estas pessoas e os prováveis problemas técnicos e de logística de logística que iria enfrentar. Fui obrigada a desistir da ideia. O que de certa forma foi a coisa certa a se fazer. Então, por estas limitações, optei por entrevistar um número menor de pessoas. Mas, na maioria das situações tentei entrevistar mais que uma pessoa ao mesmo tempo, pois considerei válida a ideia de interação entre elas. Em alguns momentos o resultado ficou interessante

6.2 Gravações

Superado os problemas anteriormente citados, fui gravar na semana seguinte. Estávamos no dia 16 de maio, uma sexta. Equipamentos em mãos, entrevista marcada... Não tive êxito. Luciene Sales, ex-rainha do Samba Mata o Velho, desmarcou o compromisso em cima da hora, com a justificativa de não estar preparado para conceder a entrevista. Estava “desarruma”, depois alegou timidez. Conversei a com a pessoa, expliquei novamente a proposta do trabalho, na tentativa de tranquiliza-la. Mesmo concordando em conceder a entrevista, ela marcou para o dia seguinte. E desmarcou novamente. Em resumo, entre uma entrevista e outra, fui de três a quatro vezes na casa desta pessoa. Ela acabou desistindo das filmagens.

No meio tempo em que buscava o depoimento da primeira fonte, entrei em contato com outros entrevistados que também desmarcaram as entrevistas por motivos pessoais. Junho ia se aproximando e minha tensão ia crescendo. Até que no dia 24 de maio, de subto, talvez até por desespero, convoquei uma tia que há muito tempo acompanha a festa da porta de sua casa e uma amiga próxima da família, que viu um dos grupos juninos nascer. Marinalva e Eliaci me contaram sobre a origem Grupo Recreativo Jaké, além de revelar diversas histórias interessantes sobre a festa no bairro, incluindo os concursos samba junino.

Mesmo sem tripé, neste dia tive facilidade em conseguir um objeto que servisse como apoio para a câmera. Uma prima me ajudou segurando o microfone e fiquei livre para fazer as imagens utilizando as duas câmeras: uma num plano mais geral e a outra num plano mais fechado (close). Achei que esta transição entre os ângulos deixaria o documentário menos monótono.

As primeiras gravações me deram um novo fôlego para continuar com o trabalho. No mesmo dia, fui à casa dos irmãos Joselita e Josemario, que remarcaram a entrevista para uma segunda-feira, dia 26. Apesar ter dificuldades em marcar qualquer compromisso durante a semana, por conta do trabalho, conversei com o coordenador da equipe que me liberou da escala do plantão – trabalho com comunicação e política e como 2014 é ano de eleição, o volume de trabalho se intensificou. Além dos finais de semana, fui liberada das viagens em que eu precisava dormir fora de Salvador e de algumas noites em estava escalada para trabalhar até mais tarde.

Na casa de Josmário e Joselita, tive dificuldades para as gravações. Não encontrei um lugar legal para apoia a câmera, ela teve que ficar sobre o meu colo, o que prejudicou a estabilidade das imagens. Outro fato que também interferiu na captação de imagens de qualidade foi a iluminação precária. Era noite e eu não tinha equipamentos de iluminação. Uma tia foi comigo para me ajudar segurando o microfone. Apesar de ter levado a outra câmera comigo, não pude captar a entrevista em outros ângulos, já que estava ocupada segurando o equipamento. Considero que as imagens deste dia de gravação tiveram uma qualidade inferior.

Para não perder a oportunidade e mesmo certa de que as imagens não ficariam tão boas, fiz a filmagem. Estava contra o tempo, pois como gravei em câmera mini-dv, ainda tinha que converter os arquivos na FACOM, que se aproximava do período de recesso por conta da Copa do Mundo. Sem contar que no dia 27, tive que devolver o equipamento ao Cult. A alternativa agora era utilizar câmera da Faculdade de Comunicação, que ainda estava comigo.

Num sábado, dia 30 de maio, entrevistei três membros do samba Jaké. Que marcaram entrevista comigo para ás 15h, mas, só chegaram ás 17h. Era o primeiro dia de ensaio do grupo e eles estavam organizado a festa, que começaria logo mais. Cogitaram até deixar a entrevista par ao outro final de semana, mas não quis arriscar e pedi-lhes que me concedessem a entrevista mesmo assim. Considerei que a luz e o local estavam adequadas para a entrevista. Segurei a câmera no ombro e tentei o máximo de estabilidade possível. O grupo cantou algumas músicas antigas e de composição própria, além de relatar as conquistas nos concursos de samba junino e as dificuldades que movimento enfrenta para se manter na tradição do São João.

No dia seguinte entrevistei mais um grupo. Desta vez, o Samba Leva Eu, que estava com a maioria dos seus membros presentes. Conversamos sobre a origem do grupo, a participação em concursos de samba, dentre outros assuntos, que incluíam até a rivalidade entre eles e o Samba Jaké – deixando claro que a disputa era somente na esfera dos concursos. Neste dia, apoiei a câmera em um timbau, para garantir a estabilidade da imagem.

Após terminar a entrevista com o grupo, segui para a casa de Elder Santos, um dos diretores do Samba Coisa Doce. A proposta era fazer a entrevista no local do ensaio, mas como era um espaço aberto, mudamos de estratégia e fizemos as

filmagens em ambiente fechado. A luz não ajudou muito, mas ainda assim não acho que interferiu tanto na qualidade de imagem.

Finalizada a etapa de gravações, levei o material para a FACOM. Era uma sexta-feira, dia 6 de junho. Converti as imagens, mas, tive problemas em passar o material para o HD externo, pois o arquivo era muito grande e a previsão para o término da transferência era de 13 horas. Sai da faculdade ás 20:30 sem o material que utilizaria para fazer a decupagem das imagens. A alternativa foi deixar o HD e pegar os arquivos na segunda-feira, dia 9 de junho. Dia 11, voltei à faculdade e passei as imagens para o editor. Crendo que já estava tudo encaminhado, e que a partir de agora não teria mais tantas dificuldades, não imaginava o que ainda estava por vir.

6.3 Edição e Montagem

Não esperava tantos percalços durante a etapa da edição. A priori, as dificuldades estavam em elaborar um novo roteiro com base no material que havia decupado. Tinha uma vaga ideia do que queria, mas não conseguia projeta-la. Insistir diversas vezes um encontro com o editor o quanto antes, pois sabia que para mim seria mais fácil construir uma narrativa colocando a edição em prática.

O primeiro encontro aconteceu no dia 30 de junho. Antes disto, enviei um pequeno esboço do que tinha pensado para a narrativa do documentário. Optei por separar o material em quadro de blocos – o primeiro trataria da origem do samba junino, depois seguiria contando a história do surgimento de três grupos de samba junino; logo após teríamos a história dos concursos e a rivalidade saldável entre os dois principais sambas do bairro (deixando de lado os problemas técnicos, gostei muito do resultado deste bloco); depois trataríamos sobre as mudanças, as dificuldades e por fim, as expectativas quanto ao futuro do samba junino e a importância da manutenção desta manifestação cultural no bairro.

Poucos são os momentos em que não há falas no documentário. Acredito que a oralidade (também) é instrumento importante para o resgate da memória. No entanto, para que não se tornasse algo verborrágico, decidi utilizar algumas imagens da festa, partes da entrevista e fotos, para fazer a transição de um bloco para o outro e para quebrar os minutos de monotonia. O ideal era que tivéssemos mais fotos antigas sobre

a festa, já que eu tinha material suficiente parar dar conta do “presente”, mas mesmo insistindo diversas vezes com os moradores, não obtive sucesso na coleta deste material, que inclusive foi solicitado antes das entrevistas.

Com relação à trilha sonora, quase não se vê nada produzido em estúdio. Exceto a última música, do Grupo de Samba Leva eu. As outras foram todas conseguidas com o próprio material gravado par ao documentário. Usei imagens dos ensaios e até mesmo da própria entrevista, onde os personagens apareceram cantando as músicas campeãs de concurso, defendidas pelo seu grupo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desse projeto, mesmo nunca tendo produzido trabalhos audiovisuais, além dos que já foram propostos em disciplinas da Facom, não achei que teria muitas dificuldades em realizar um documentário. Após esta experiência, percebi que estava iludida até mesmo em relação ao formato. A revelia das minhas hipóteses, senti todas as dificuldades possíveis: desde a compreensão do gênero, que não tem uma definição taxativa, até o exercício de cada uma das funções de uma equipe de produção. No meu caso, o exercício de todas elas ao mesmo tempo.

A bibliografia utilizada me permitiu conhecer outros subgêneros aumentando significativamente a filmografia e abrindo horizontes de novas possibilidades de abordagem do tema proposto. Possibilidades até então desconhecidas por mim. Sempre tive interesse em registrar algum aspecto referente pulsação cultural no Engenho Velho de Brotas; e buscar as histórias sobre o samba junino, e conhecer o envolvimento, e até mesmo paixão, de alguns personagens com relação à festa, foi uma das partes mais interessantes e prazerosas do trabalho.

Sobre os aspectos técnicos, posso dizer que saio melhor preparada para um próximo projeto audiovisual. Percebo vários erros cometidos na feitura desse documentário e tiro da experiência métodos a serem repetidos e outro as serem evitados. Apesar das dificuldades já listadas, valeu a pena ter ousado na realização desse projeto. Pude experimentar a operação de câmera, de áudio e direção.

Sobre a edição, notei que, para a concretização dessa etapa, é preciso passar por um processo de desapego. Na decupagem das imagens capturadas eu selecionei falas que julgo importantes e que ajudam a construir a narrativa, que é o resgate do passado e, através dele, a comparação com o presente. Infelizmente, tive que abrir mão de algumas histórias que julguei muito interessantes, mas, não se encaixavam na narrativa proposta. No final das contas, mesmo com as falhas técnicas, acredito que cumpri com o objetivo de registrar esta manifestação cultural, que é característica do São João de Salvador.

Por fim, pretendo utilizar esse trabalho como um piloto para projetos futuros. Penso conhecer a história do samba junino em outros bairros, abordando aspectos diferentes sobre o tema e transformando o projeto em uma série de vídeos. Para isso, pretendo firmar parcerias com profissionais com experiência em produtos audiovisuais

e conseguir fomento através dos editais setoriais do Fundo de Cultura do Estado da Bahia.

Exceto o valor pago pela edição e confecção das capas de DVD, o trabalho em questão foi realizado sem qualquer custo com equipamentos. Ainda que precise de investimentos, acredito que esse é um projeto de baixo custo de execução, o que contribuirá na obtenção de patrocínio em edições futuras.

Sem mais, sou grata a todos que cooperaram para a realização desse produto e que estiveram atentos aos pedidos de ajuda durante esse processo.

8. REFERÊNCIAS

_____.**A Aquisição de Conhecimento Necessário à Construção de Identidade Étnico-Racial Através da Leitura: Uma Contribuição Possível**. Dissertação de Mestrado – Rosania Maria Sacramento de Amorim, Março de 2011. Acesso: 9.Jul.2014

_____.**Close Up: A Linha Tênue Entre Ficção e Documentário**. In: 2º Seminário de Nacional Cinema em perspectiva. Disponível em: <http://www.cinemaemperspectiva.com.br/cinpers/anaisII/arquivos/FERNANDO_FIGUEIREDO.pdf> Acesso em: 05.Mai.2014

_____.**Cultura Popular: Reflexões de um conceito complexo.** Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/culturapopular/artigos/culturapopular.pdf> Acesso: 15.Jun.2014

_____.**Engenho das Memórias**. Disponível em: <http://ascomfunceb.files.wordpress.com/2010/10/2010-o-engenho-das-memorias-cine-teatro-solar-boa-vista.pdf> Acesso: 01.Jul.2014

_____.**Dossiê do IPHAN: Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=723 Acesso em: 01.Maio.2014

_____ **"Jogo de Cena": Diálogo entre Memória, Filmagem da verdade e Verdade da Filmagem**. In: V Encontro Multidiciplinares em Cultura – ENECULT. Disponível em : <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19412.pdf> Acesso: 29.Mai.2014

_____.**O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0626-1.pdf> Acesso em: 15.Jun.2014

_____.**O Ponto de Vista no Documentário.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf> Acesso: 10. Mai.2014

_____**O processo de construção de personagens em documentários de entrevista**. In: ntercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0147-1.pdf> Acesso: 20. Maio.2014

_____.**Novos Territórios do Documentário**. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf> Acesso em: 10.Mai.2014

_____.**Samba Junino**. In: Televisão Educativa da Bahia: TVE-Ba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=525KW5Jqm54> e <https://www.youtube.com/watch?v=S4dkj-ihRDE> Acesso: 20.Jun.2014

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

LINS, Consuelo. **O Documentário de Eduardo Coutinho–Televisão, Cinema e Vídeo. Rio de Janeiro**: Jorge Zahar, 2004.

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papirus, 2012

RAMOS, **Fernão Pessoa. Mas afinal...O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.